

FIEA Federação das
Indústrias do Estado
de Alagoas

IEL Instituto
Euvaldo
Lodi

Indicadores de **DESEMPENHO**

*Dados referentes ao mês de
Dezembro de 2025*



Indicadores Industriais

Vendas

O indicador de Vendas Reais em dezembro revelou uma recuperação marginal no curto prazo de 3,75%. Todavia, a análise sob a ótica interanual expõe uma severa retração sistêmica de 16,46%, intensificada no acumulado do ano, que fechou com queda de 15,23%. O cenário aponta para uma redução drástica na capacidade de absorção do mercado e perda de fôlego comercial ao longo do exercício de 2025.

Pessoal Empregado

Refletindo o cenário de aumento de vendas e altos custos, o indicador de emprego industrial apresentou uma queda mensal de 11,03%. A análise de longo prazo confirma a estabilização negativa do quadro funcional, com recuo de 13,34% no confronto interanual e uma perda acumulada de 10,14% no exercício de 2025.

Horas Trabalhadas

A utilização do fator trabalho divergiu do número de contratações ao registrar um aumento mensal de 13,57%. Semelhante o indicador interanual apresenta uma distorção estatística isolada (+9,93) e o acumulado anual sustenta uma alta de 15,52%.

Custo das Operações Industriais

O indicador de custos de operações industriais apresenta uma acentuada pressão inflacionária, registrando um incremento mensal de 7,81%. O desequilíbrio estrutural é evidenciado pela variação contra o mesmo mês do ano anterior (+5,02%) e, sobretudo, pelo avanço exponencial no acumulado anual, que atingiu 17,22%.

Remunerações Pagas

A massa salarial real registrou uma variação positiva pontual de 3,79% em dezembro, insuficiente para mitigar o passivo de renda gerado ao longo do ano. A comparação contra dezembro de 2024 mostra uma degradação real de 14,64%, enquanto o índice acumulado de -7,54% confirma uma redução no custo unitário do trabalho, impactando negativamente o consumo agregado regional.

Utilização da Capacidade Instalada

A Utilização da Capacidade Instalada ficou estável em 62% em dezembro de 2025, na comparação com novembro, exceto os dados do setor sucroenergético.

Resumo Executivo

Em dezembro de 2025, as vendas industriais registraram uma recuperação na margem de 3,75%, embora o cenário de longo prazo ainda aponte para um enfraquecimento, com queda interanual de 16,46% e um acumulado negativo no ano de 15,23%. Pelo lado da oferta, o descompasso financeiro se agravou com a aceleração dos custos operacionais no mês (+7,81%), elevando a pressão acumulada no ano para +17,22%, o que mantém as margens do setor sob forte compressão. Em resposta à volatilidade do mercado, observa-se uma dinâmica atípica na força de trabalho, uma vez que houve uma retração mensal no pessoal empregado de 11,03%, acompanhada por uma queda acumulada na massa salarial (remunerações pagas) de 7,54%. Simultaneamente, as horas trabalhadas avançaram significativamente na margem (+13,57%) e sustentam crescimento no acumulado anual de 15,52%, sugerindo que o setor busca compensar a redução do quadro funcional com o aumento da jornada de trabalho para gerenciar a escalada de custos operacionais e atender à demanda pontual de fim de ano.

Em dezembro de 2025, o **cenário industrial global** aprofundou sua trajetória de cautela, refletindo uma conjuntura macroeconômica desafiadora, marcada pela reconfiguração das cadeias de suprimentos, incertezas geopolíticas e os efeitos do ambiente de juros globais ainda restritivos para o crédito corporativo. Nos Estados Unidos, o S&P Global US Manufacturing PMI recuou para 51,5, indicando uma expansão mais modesta, enquanto o índice ISM Manufacturing registrou sua décima queda consecutiva ao atingir 47,8%. Esse desempenho reflete o impacto de um dólar forte sobre a competitividade das exportações e a volatilidade nas expectativas em torno da política monetária do Federal Reserve (Fed). O subíndice de emprego permaneceu em severa contração (-43,2%), evidenciando a diminuição de contratações por parte das empresas, que adotaram posturas defensivas diante do aumento dos custos de capital e de novas tensões tarifárias no comércio internacional. Na China, o PMI do setor manufatureiro apresentou uma leve melhora ao subir para 49,8, mas permaneceu abaixo da linha de neutralidade (50,0). O gigante asiático continuou a sofrer com as mudanças contrárias da crise prolongada no setor imobiliário e da fragilidade do consumo interno. Embora o Banco Popular da China (PBOC) tenha injetado pacotes sucessivos de estímulo de liquidez ao longo do ano, a indústria fabril por meio das exportações foi influenciada por novas barreiras comerciais e tarifas impostas pelo Ocidente sobre produtos de alto valor agregado, como veículos elétricos e tecnologia. Na Zona do Euro, o HCOB Eurozone Manufacturing PMI manteve-se em terreno negativo ao registrar 49,1. A região continuou fortemente arrastada pela crise estrutural na indústria da Alemanha, que enfrenta os duros custos da transição energética e a forte concorrência asiática no setor automotivo. Apesar do ciclo de cortes de juros promovido pelo Banco Central Europeu (BCE), o crédito mais barato não foi suficiente para reativar a demanda. A inflação persistente nos custos de insumos e logística, atrelada ao declínio nas encomendas de exportação, manteve a atividade sob forte asfixia.

Em dezembro de 2025, a **produção industrial brasileira**, segundo dados do IBGE, apesar do terceiro ano consecutivo de alta, o setor demonstrou uma clara perda de ritmo ao longo dos meses, culminando em uma queda de 1,2% em dezembro, o recuo mais intenso desde meados de 2024. Apesar da retração pontual, o desempenho interanual registrou leve alta de 0,4% frente a dezembro de 2024. A indústria nacional encerrou o ano de 2025 com um crescimento acumulado de 0,6%, impulsionada principalmente pelo desempenho do setor extrativo (4,9%) e da produção de alimentos (1,5%). Esse resultado coloca a produção industrial 0,6% acima do nível pré-pandemia, embora ainda apresente uma defasagem expressiva de 16,3% em relação ao seu recorde histórico atingido em 2011. Enquanto os bens de consumo duráveis e intermediários conseguiram sustentar taxas positivas, a indústria de transformação recuou 0,2% no ano, pressionada fortemente pelo setor de derivados do petróleo e biocombustíveis. A disparidade entre os setores revela que o crescimento global da indústria em 2025 foi garantido essencialmente pelo extrativismo, mascarando o desempenho negativo em categorias como bens de capital e bens de consumo semi e não duráveis. Por sua vez, os indicadores da CNI, com aferição do faturamento industrial, corroboram esse cenário de piora generalizada no fechamento do trimestre. Variáveis como venda, horas trabalhadas, UCI e emprego industrial registraram queda na comparação mensal. No acumulado do ano, o faturamento da indústria de transformação estagnou em 0,1%, evidenciando a dificuldade no repasse de custos, após queda de 1,2% em dezembro. Este cenário é reflexo de um ambiente macroeconômico restritivo. A manutenção da taxa Selic em 15,00% ao ano, considerando o maior patamar em quase duas décadas que encareceu o crédito corporativo, paralisou investimentos em bens de capital e asfixiou o consumo das famílias, dificultando o escoamento de estoques de bens duráveis e semiduráveis.

Em dezembro de 2025, a **indústria de Alagoas** consolidou um desempenho que, embora inserido em um contexto nacional de incertezas, demonstrou uma resiliência singular ancorada em sua base produtiva e no ciclo sazonal da cana-de-açúcar. Enquanto o Brasil encerrava o ano com uma contração na produção industrial geral, a indústria alagoana conseguiu sustentar números positivos, projetando um crescimento de 2,5% no PIB industrial para o fechamento do ano. Esse resultado poderá ser fortemente influenciado pela safra 2025/2026, que em dezembro atingiu seu ápice operacional, processando cerca de 8 milhões de toneladas de cana e registrando uma mudança estratégica no aproveitamento da matéria-prima, considerando à volatilidade dos preços internacionais do açúcar, quando as usinas redirecionaram parte da produção para o etanol, que apresentou uma alta de 9% na fabricação para atender à demanda interna de combustíveis. Além do setor Sucreenergético, a Indústria Extrativa despontou como o grande motor de divisas do estado. O minério de cobre, extraído no Sertão alagoano, registrou um salto impressionante de 184,5% nas exportações em dezembro, tornando-se o segundo item mais relevante da pauta externa, atrás apenas do açúcar. No setor de Transformação, a indústria química e de plásticos manteve um ritmo estável; apesar da estagnação nacional do setor (apenas 0,1% de alta no ano), as plantas de PVC e resinas em Alagoas garantiram o suprimento das cadeias de construção civil e embalagens no Nordeste. Já a Indústria de Alimentos e Bebidas, voltada ao consumo regional, aproveitou o aquecimento do turismo de fim de ano

para manter as linhas de produção operando com capacidade próxima de 85%. No campo da infraestrutura e energia, o setor de geração de Energia e Gás também apresentou dados relevantes, com a consolidação de Alagoas como um polo de gás natural, o que reduziu custos operacionais para indústrias locais em comparação com estados vizinhos. Contudo, o cenário não foi isento de dificuldades. O setor de Construção Civil, embora tecnicamente parte da indústria, sentiu o peso das taxas de juros elevadas (Selic em torno de 15%), o que desacelerou o lançamento de novos empreendimentos industriais de grande porte.

De acordo com os dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços (Mdic), ao encerrar o ano de 2025, as exportações alagoanas totalizaram US\$ 821,8 milhões, registrando uma retração de 8,9% em relação ao total movimentado em 2024. Sob uma perspectiva conjuntural, enquanto o cenário externo impunha barreiras severas, como o protecionismo norte-americano, a dinâmica interna de investimentos em extração mineral e modernização industrial garantiu que o fôlego econômico não fosse interrompido. No mês de dezembro, o valor arrecadado com os embarques para o exterior estacionou na casa dos US\$ 82,6 milhões, um montante que reflete a queda no valor agregado das commodities agrícolas. A conjuntura de preços internacionais baixos fez com que o faturamento do açúcar recuasse drasticamente, somando apenas US\$ 56,8 milhões no período, uma retração de quase metade do valor obtido em ciclos anteriores. Entretanto, o que poderia ser uma crise de liquidez para o estado foi mitigado pela ascensão do minério de cobre, que injetou US\$ 22,4 milhões na

balança mensal, representando quase 27% de todo o valor exportado no mês. Ademais, mês de dezembro consolidou um saldo negativo na balança comercial anual de US\$ 297,8 milhões, uma vez que o volume total de importações superou significativamente as vendas externas do estado ao longo do período. Nas exportações, o desempenho de dezembro foi marcado por uma mudança no perfil de destinos, embora os Estados Unidos tenham apresentado recuperação anterior, o país encerrou o ano na 5ª posição do ranking (com 8,1% de participação), impactado por barreiras tarifárias externas. Em contrapartida, Singapura assumiu a liderança como o principal destino dos produtos alagoanos, seguida por Argélia e Mauritânia. No cenário nacional, o estado manteve sua relevância no setor extrativo, posicionando-se como o 4º maior exportador de minério de cobre do país em 2025. Para sustentar a pauta exportadora, o segmento sucroenergético permaneceu fundamental, embora tenha dividido o protagonismo com a mineração; o açúcar respondeu por 50,6% do faturamento total do ano, enquanto o minério de cobre saltou para 48,1% das vendas. Esse fluxo de capital vindo da mineração em Craíbas foi fundamental para equilibrar as contas, permitindo que Alagoas mantivesse uma corrente de comércio ativa mesmo diante do déficit da balança comercial, que fechou o ano em US\$ 297,8 milhões. Destaca-se que o ano de 2025 foi marcado por um recorde na compra de insumos, especialmente adubos e fertilizantes, que repre-

sentaram uma um percentual das compras externas para garantir a produtividade das safras futuras, aproveitando janelas de preços mais competitivos no mercado internacional para o cultivo da cana e outros setores agrícolas. A China dominou o fornecimento de produtos para Alagoas, respondendo por quase 60% das importações do estado em dezembro.






No tocante à ampliação do parque industrial, no ano de 2025, os incentivos do Prodesin foram protagonistas de uma reconfiguração econômica regional. Ao analisarmos o acumulado do ano, percebe-se a consolidação de unidades industriais como Bauducco, Maratá, Sococo e Corr Plastik. A entrada do Grupo Maratá, com um investimento aprovado pelo Conedes na casa dos R\$ 400 milhões para uma nova unidade fabril, representa um exemplo da política de interiorização ao garantir incentivos fiscais para um novo eixo logístico-industrial que dialoga diretamente com o setor de alimentos e bebidas. Esse movimento é complementado pela expansão da Bauducco em Rio Largo que recebeu em 2025 novas concessões para ampliar suas linhas de produção (notadamente focadas em panettones e biscoitos), aproveitando o diferimento de ICMS para modernizar seu parque tecnológico e aumentar sua capilaridade logística. Ao aprovar recursos para a modernização das plantas da Sococo em Maceió, o Prodesin em 2025 contribuiu para a verticalização da agroindústria local, garantindo que o estado não perdesse competitividade para vizinhos que tentam replicar seu modelo de processamento de coco. No bojo da infraestrutura, a Corr Plastik no Polo de Marechal Deodoro, os incentivos reforçaram os benefícios locais para a empresa de tubos e conexões, respondendo à demanda por saneamento e construção civil que os novos complexos industriais e hoteleiros exigem. No acumulado do ano, os incentivos asseguraram o volume de R\$ 859 milhões, especificamente recursos de R\$ 709 milhões em novos aportes em dezembro. Do ponto de vista de geração de empregos, projetou-se a criação de aproximadamente 5.500 novos postos de trabalho, entre diretos e indiretos, vinculados especificamente aos projetos do Prodesin. No cômputo geral, o estado encerrou o ano com um saldo positivo de mais de 16,7 mil empregos com carteira assinada. Embora o setor industrial tenha apresentado flutuações nominais em seu saldo líquido, o emprego na Construção Civil absorveu a mão de obra para erguer os galpões das empresas recém-chegadas, com a expectativa de que as contratações fabris amadureçam plenamente ao longo de 2026.

No que tange ao comportamento dos demais indicadores, observa-se que o emprego industrial em Alagoas, dados do setor de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa (IEL/AL), registrou uma expressiva queda de 11,03% em comparação a novembro. Esse desempenho foi impulsionado primordialmente pela diminuição de contratações no setor sucroenergético, que serviu como o principal catalisador do índice no período. Simultaneamente, os dados do CAGED/MT, referentes a dezembro de 2025, indicam que o estado manteve a trajetória de crescimento no mercado de trabalho formal, embora em um ritmo ajustado às flutuações sazonais. O cenário econômico no estado em dezembro consolidou o protagonismo do setor de Serviços, que foi o grande motor da empregabilidade no ano, gerando sozinho 11.211 vagas. Na sequência, o Comércio contribuiu com 3.003 postos, a Construção Civil com 2.490 e a

Agropecuária com um saldo modesto de 102 vagas. Em contrapartida, o setor da Indústria foi o único a fechar o ano com saldo negativo, registrando a perda de 101 postos formais. No recorte geográfico, a capital Maceió reafirmou sua posição como polo econômico do estado, respondendo por cerca de 50% da geração de empregos em 2025, com um saldo de 8.347 vagas. Outras cidades que se destacaram positivamente foram Arapiraca (1.880), Delmiro Gouveia (1.462) e Palmeira dos Índios (1.339). Um ponto de atenção no fechamento de dezembro de 2025 foi o salário médio de admissão. Embora o Brasil tenha registrado alta real, Alagoas apresentou a remuneração média inicial mais baixa do Nordeste, fixada em R\$ 1.831,18. Esse valor ficou abaixo da média regional (R\$ 1.979,02) e nacional, evidenciando um desafio estrutural na valorização da mão de obra local, apesar do aquecimento na oferta de vagas.

Em dezembro de 2025, as vendas reais da indústria avançaram em termos reais (+3,75%), sobre novembro. O custo das operações industriais teve alta (+7,81%) na mesma comparação. Por sua vez, o emprego industrial mostrou queda de 11,03%. A variável horas trabalhadas registrou alta de 13,57% frente a novembro. Ademais, a indústria alagoana recuo 1. pp na utilização da capacidade instalada e alcançou 62%, excluído o setor Sucroenergético. A massa salarial industrial apresentou uma alta de 3,79% no mês dezembro em relação ao mês anterior.

DEZEMBRO 2025

Variáveis	Dez/25 - Nov/24	Dez/25 - Dez/24	Acumulado do ano
 Vendas reais	↑ 3,75	↓ -16,46	↓ -15,23
 Custo das Operações Industriais	↑ 7,81	↑ 5,02	↑ 17,22
 Pessoal Empregado	↓ -11,03	↓ -13,34	↓ -10,14
 Horas Trabalhadas	↑ 13,57	↑ 9,93	↑ 15,52
 Remunerações pagas	↑ 3,79	↓ -14,64	↓ -7,54

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL

Vendas Industriais

O indicador de vendas industriais apresentou uma alta de 3,75% em relação a novembro. Na comparação interanual, a atividade registrou uma retração expressiva de 16,46% frente a dezembro de 2024, evidenciando as dificuldades de manutenção do parque fabril alagoano.

A venda industrial de Alagoas encerrou o ano de 2025 sob forte pressão recessiva, consolidando uma retração acumulada de 15,23%. Embora o índice geral tenha registrado uma recuperação mensal de 3,75% em dezembro, o desempenho interanual de -16,46% frente ao mesmo mês de 2024 reafirma a fragilidade estrutural da base produtiva estadual. A análise dos dados evidencia que a reação na margem foi severamente influenciada pelo setor Sucreenergético, que saltou 55,55% no mês devido ao ciclo de safra; sem esse componente, a indústria alagoana teria apresentado um recuo de 7,96%, evidenciando que o segmento industrial permaneceu sufocado por custos operacionais elevados e restrição de crédito.

Ademais, este resultado evidencia a vulnerabilidade de uma matriz produtiva caracterizada pela baixa diversificação em que a forte dependência de poucos setores, como a cadeia químico-plástico e o Sucreenergético, torna a indústria alagoana excessivamente exposta a choques setoriais e crises locais. A trajetória recessiva foi agravada pelo foco predominante no mercado local, o que limitou a capacidade de recuperação das empresas diante da compressão da renda regional e da ausência de novos vetores de exportação. A dificuldade em capturar dinamismo externo, somada à paralisia de cadeias produtivas estratégicas e à falta de integração entre os segmentos remanescentes, reforçou o viés de retração e impõe um desafio crítico à competitividade industrial do estado.

No segmento de infraestrutura, a Construção Civil seguiu como o principal vetor de resiliência na indústria, apresentando uma leve alta mensal de 0,14% e um expressivo crescimento acumulado de 121,64%, impulsionado por investimentos contínuos em habitação e obras públicas. Esse movimento gerou um efeito positivo na Indústria Mecânica, que apesar da volatilidade mensal de -10,64%, fechou o ano com uma expansão de 296,59%, sinalizando um processo de reequipamento tecnológico em nichos específicos. Enquanto o segmento

de Produtos de Matérias Plásticas e Borracha registrou queda marginal de 0,13% no mês, mas conseguiu sustentar um saldo positivo anual de 4,07%, embora ainda encontre dificuldades em suprir plenamente a cadeia da construção devido a gargalos na oferta de insumos.

A crise mais acentuada local concentra-se no Complexo Químico, severamente impactado pela paralisação da extração de sal-gema em Maceió. O setor sofreu um colapso interanual de -52,96% e encerra o ciclo anual com uma perda severa de 37,99%, o que compromete a competitividade logística e produtiva de toda a cadeia plástica-química regional. No consumo direto, o setor de Produtos Alimentares e Bebidas enfrentou um dezembro com queda de 12,00%, fechando o ano com retração acumulada de 6,45%, refletindo a erosão do poder de compra, influência da política monetária e o aumento dos custos de distribuição.

Por outro lado, o segmento de Vestuário e Calçados aproveitou o aquecimento sazonal das festas de fim de ano e cresceu 17,70% no mês, garantindo uma expansão anual de 28,05%. O setor de Material de Transporte também apresentou uma recuperação mensal atípica de 56,12%, embora o saldo acumulado de 2025 permaneça negativo em 12,10%. Em um patamar de estagnação, os setores Têxtil e de Papel e Celulose registraram leve viés negativo de 0,13% na margem, mas seguraram acumulados positivos de 1,64%, indicando uma demanda estabilizada em níveis baixos. Por fim, o setor de Madeira permaneceu em trajetória crítica, recuando 6,83% em dezembro e acumulando perdas de 20,03%, acompanhando a desaceleração dos mercados de manufatura e mobiliário.

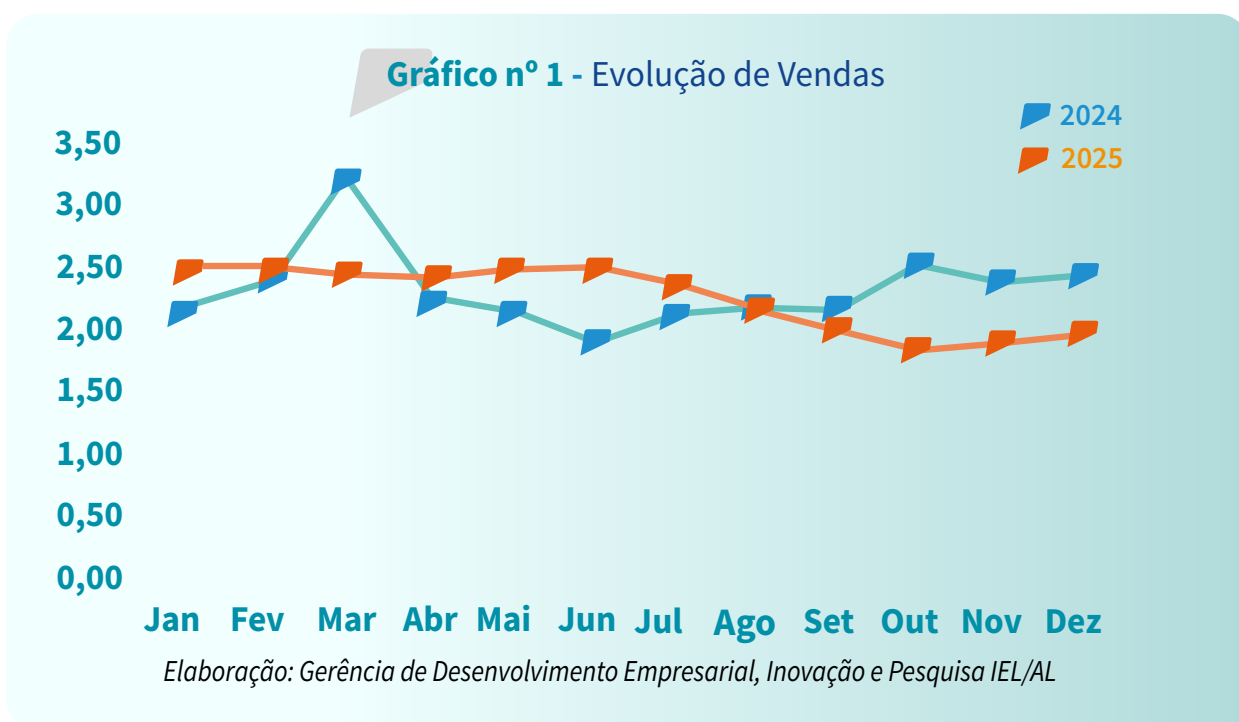


Tabela nº 1 - Variações (%) das vendas no mês de Dezembro de 2025. Base Fixa (IBF: Out/2013); Deflator:IPA/OG - FGV.

Gêneros	Dez/25 - Nov/24	Dez/25 - Dez/24	Acumulado ano
Produtos Alimentares e Bebidas	(12,00)	(7,40)	(6,45)
Construção Civil	0,14	120,22	121,64
Têxtil	(0,13)	1,05	1,64
Minerais Não-Metálicos	(4,42)	0,94	(6,82)
Vestuário e Calçados	17,70	42,37	28,05
Material de Transporte	56,12	(12,61)	(12,10)
Editorial e gráfica	25,62	(36,48)	(6,01)
Madeira	(6,83)	(20,49)	(20,03)
Papel, Papelão e Celulose	(0,13)	1,05	1,64
Produtos de Matérias Plásticas e Borracha	(0,13)	3,47	4,07
Metalúrgicas e Siderúrgicas	-	-	-
Indústrias Diversas e Mobiliário	(0,13)	1,51	2,61
Química	(11,89)	(52,96)	(37,99)
Indústria Mecânica	(10,64)	215,27	296,59
Sucroenergético	55,55	(6,08)	(25,11)
Total Indústria Transformação	3,75	(16,46)	(15,23)
Total Indústria Transformação (sem setor sucroenergético)	(7,96)	(19,84)	(10,73)

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL

Custo de Operações Industriais

A variável registrou um incremento de 7,81% na margem mensal de dezembro, interrompendo a tendência de deflação técnica vista em meses anteriores e consolidando um patamar operacional que se mantém 5,02% acima do registrado no mesmo exercício do ano anterior.

A análise dos custos das operações industriais em Alagoas revela um encerramento de ano marcado por uma forte pressão sobre as margens, com o indicador agregado registrando um incremento de 7,81% na margem mensal. Esse avanço interrompe a trajetória de estabilidade vista em períodos anteriores, consolidando uma elevação de 5,02% em relação a dezembro de 2024 e um acumulado anual de 17,22%. Conjuntamente, esse resultado evidencia que o setor industrial alagoano continua enfrentando um ambiente de custos estruturalmente elevados em que a baixa diversificação da matriz produtiva e a dependência de insumos externos mantêm a base operacional pressionada, especialmente quando se observa que, ao excluir o setor Sucroenergético, que expandiu 58,38% no mês devido ao pico de safra, o custo acumulado do restante da indústria alagoana dispara para 29,22%.

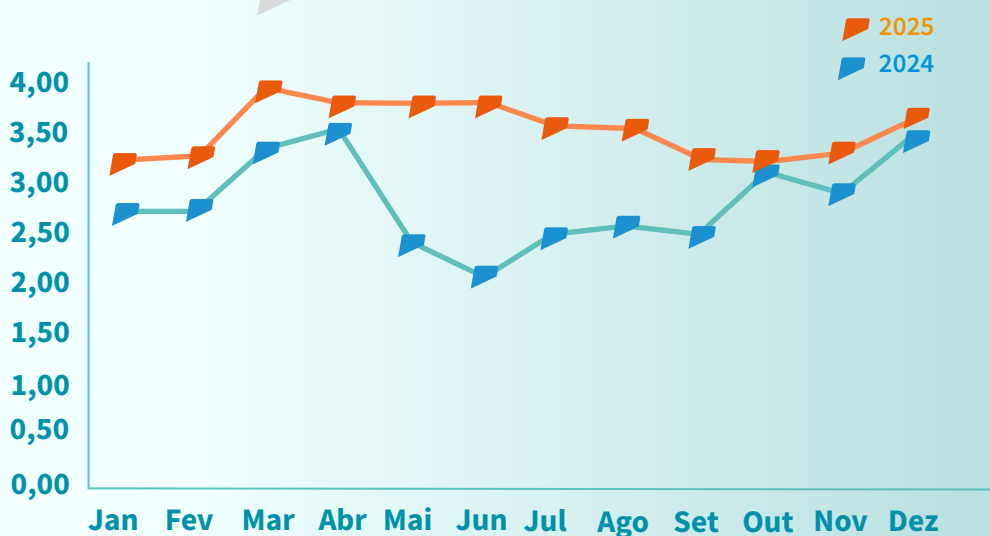
De forma geral, esse resultado evidencia que o setor industrial alagoano encerra o ano enfrentando um ambiente de custos estruturalmente elevados e revela uma pressão asfíxica sobre a produção, agravada pela dependência de insumos básicos e pelo "Custo Alagoas", caracterizado por gargalos logísticos e tarifas energéticas que penalizam o parque industrial regional. Diante dessa condição, qualquer aceleração no volume produzido reflete imediatamente na base operacional, comprimindo margens de lucro e dificultando a competitividade de uma indústria que, sem vetores de exportação robustos, permanece vulnerável às oscilações da demanda interna e à volatilidade dos preços de matérias-primas essenciais.

No cenário setorial, o segmento de Produtos Alimentares e Bebidas permanece como o principal foco de pressão inflacionária interna, registrando uma leve alta mensal de 1,29%, mas sustentando um avanço anual de

293,65%, o que eleva seu acumulado no ano para 309,59%. Esse movimento sugere um repasse severo dos preços de commodities e gargalos logísticos que encarecem a distribuição no mercado local. Paralelamente, a Indústria Mecânica demonstra uma pressão resiliente nos custos com expansão acumulada de 162,81%, reflexo do maior consumo de aço e componentes importados, enquanto o setor de Vestuário e Calçados apresentou alta de 10,13% no mês e acumulado de 41,63%, acompanhando o ritmo de consumo sazonal e o aumento dos custos operacionais típicos do fim de ano.

Em contrapartida, o setor de Química registra um colapso nominal nos custos, com queda interanual de 95,66% e queda acumulada de 94,92%. É fundamental pontuar que essa redução é sintomática da paralisação das plantas de cloro-soda e da interrupção da mineração de sal-gema em Maceió, evidenciando que os custos caíram apenas porque a produção praticamente cessou, e não por ganhos de eficiência. No mesmo sentido, o segmento de Material de Transporte registrou forte retração mensal de 50,48%, acumulando perda anual de 70,50%. Por fim, setores como Têxtil, Papel e Celulose e Indústrias Diversas operaram em estabilidade marginal de -0,13%, encerrando o ciclo de 2025 com altas acumuladas modestas entre 1,99% e 2,35%, sinalizando uma manutenção de mercado em meio ao cenário de custos voláteis que define a conjuntura da indústria.

Gráfico nº 2 - Evolução dos Custos



Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL

Tabela nº 2 - Variações (%) dos custos no mês de Dezembro de 2025. Base Fixa (IBF: Out/2013); Deflator:IPA/OG - FGV.

Gêneros	Dez/25 - Nov/25	Dez/25 - Dez/24	Acumulado ano
Produtos Alimentares e Bebidas	1,29	293,65	309,59
Construção Civil	-	-	-
Têxtil	(0,13)	1,05	1,99
Minerais Não-Metálicos	5,03	9,62	16,67
Vestuário e Calçados	10,13	45,17	41,63
Material de Transporte	(50,48)	(68,38)	(70,50)
Editorial e gráfica	36,85	21,41	25,46
Madeira	-	-	-
Papel, Papelão e Celulose	(0,13)	1,05	1,99
Produtos de Matérias Plásticas e Borracha	(0,13)	(0,45)	0,48
Metalúrgicas e Siderúrgicas	0,13	-	-
Indústrias Diversas e Mobiliário	(0,13)	2,36	2,35
Química	(0,13)	(95,66)	(94,92)
Indústria Mecânica	(8,45)	160,40	162,81
Sucroenergético	58,38	(29,91)	(18,92)
Total Indústria Transformação	7,81	5,02	17,22
Total Indústria Transformação (sem setor sucroenergético)	1,08	17,18	29,22

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL



Nível de Emprego Industrial

O mercado de trabalho industrial em Alagoas encerrou o ano de 2025 sob o impacto de ajustes estruturais e forte pressão sazonal, resultando em uma retração severa de 11,03% no nível de emprego em dezembro. Este declínio interrompeu abruptamente a recomposição observada no mês anterior e aprofundou a queda interanual para 13,34%, consolidando um balanço anual deficitário com perda acumulada de 10,14% de postos formais.

O emprego industrial em Alagoas encerrou o ciclo de 2025 sob o impacto de uma severa retração mensal de 11,03%. Este movimento não apenas interrompeu a breve recuperação do mês anterior, como aprofundou a queda interanual para 13,34%, consolidando um balanço anual negativo de 10,14%. A explicação para esse declínio acentuado reside na forte dependência da matriz industrial alagoana de ciclos sazonais e na baixa diversificação, o que torna o estado vulnerável ao encerramento simultâneo de contratos em cadeias produtivas de grande peso.

A desmobilização de mão de obra foi puxada majoritariamente pelo setor Sucroenergético, que recuou 11,88% no mês. Esse fenômeno é explicado pelo fim das contratações do período de safra, momento em que as usinas avançam na moagem e equilibram o contingente de trabalhadores temporários e operacionais contratados no início da safra. No entanto, o setor também amarga uma perda acumulada de 18,67% no ano, sugerindo que, além da sazonalidade, há um ajuste estrutural em curso, possivelmente ligado ao menor nível de produção e uma possível maior mecanização do campo e das plantas industriais.

De forma análoga, o segmento de Produtos Alimentares e Bebidas registrou um corte expressivo de 18,83% em dezembro. Conjuntamente, essa variação negativa é atribuída ao encerramento da produção voltada ao pico

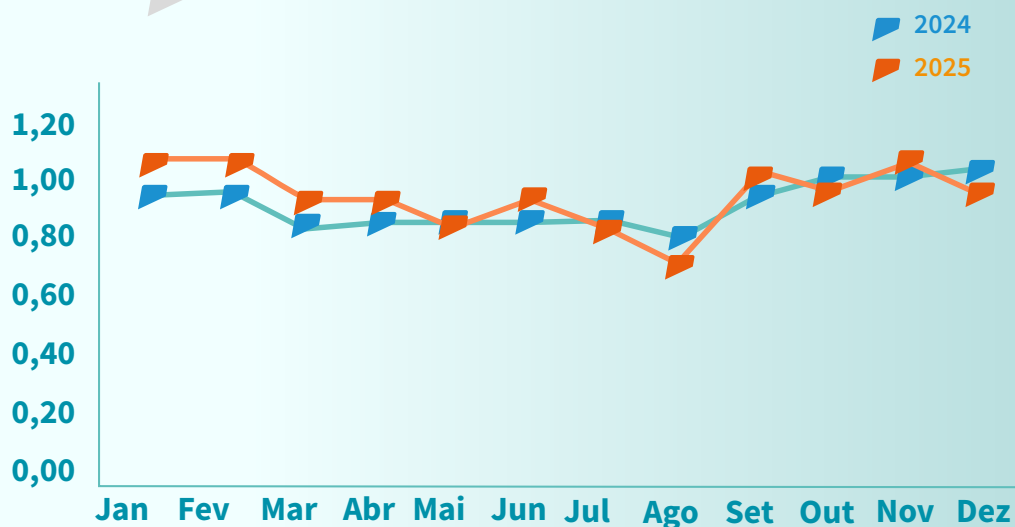
de demanda das festas de fim de ano, somada à pressão do custo operacional elevado, que forçou o setor a realizar ajustes imediatos nos quadros de funcionários para preservar as margens de lucro no fechamento do balanço anual.

A resiliência ocupacional da indústria concentra-se em setores menos dependentes do consumo imediato e mais ligados ao ciclo de investimentos de longo prazo. O setor de Minerais Não-Metálicos avançou 7,45% nas contratações em dezembro, mantendo um crescimento acumulado de 21,92%. A explicação para essa variação positiva reside na demanda contínua da construção civil regional, impulsionada por projetos de infraestrutura e habitação que não sofrem o mesmo impacto sazonal do varejo.

De um lado, a Indústria Mecânica sustenta uma trajetória de crescimento acumulado de 44,46%, apesar da estabilidade técnica no mês. Esse avanço indica que a indústria atravessa um ciclo de renovação de bens de capital em que a manutenção de quadros técnicos especializados torna-se prioritária para garantir a operação de novas tecnologias fabris implantadas no estado.

Por outro lado, o cenário permanece crítico para setores que enfrentam escassez de insumos, como o Complexo Químico, que cortou 1,05% das vagas no mês e acumula perda de 7,77%. A variação negativa aqui é explicada pela paralisia na extração de sal-gema, que interrompeu a cadeia produtiva de cloro-soda e afetou o fornecimento para o restante da indústria local.

Mesmo setores com saldo positivo no ano, como Vestuário e Calçados (+5,89%), realizaram ajustes marginais de -0,13% em dezembro. Essa cautela reflete uma postura defensiva do empresariado, que prefere operar com equipes enxutas e foco no mercado local, temendo a volatilidade dos custos operacionais que marcaram o exercício de 2025. Ao isolarmos os efeitos sazonais, nota-se que o núcleo da manufatura ainda sustenta uma expansão discreta de 4,90%, evidenciando que a indústria alagoana sobrevive em segmentos específicos de infraestrutura, enquanto avança para recompor suas cadeias de consumo em massa.

Gráfico nº 3 - Evolução do Quantitativo de Empregos


Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL

Tabela nº 3 - Variações (%) dos funcionários no mês de Dezembro de 2025. Base Fixa (IBF: Out/2013); Deflator: IPA/OG - FGV.

Gêneros	Dez/25 - Nov/25	Dez/25- Dez/24	Acumulado ano
Produtos Alimentares e Bebidas	(18,83)	3,34	3,71
Construção Civil	-	-	-
Têxtil	(0,13)	1,05	1,99
Minerais Não-Metálicos	7,45	21,73	21,92
Vestuário e Calçados	(0,13)	(1,37)	5,89
Material de Transporte	(0,13)	(5,01)	(4,13)
Editorial e gráfica	0,58	5,92	3,45
Madeira	(0,13)	1,05	1,99
Papel, Papelão e Celulose	(0,13)	1,05	1,99
Produtos de Matérias Plásticas e Borracha	(0,13)	0,11	1,04
Metalúrgicas e Siderúrgicas	-	-	-
Indústrias Diversas e Mobiliário	(0,13)	(2,88)	(1,98)
Química	(1,05)	(7,18)	(7,77)
Indústria Mecânica	(0,13)	43,14	(44,46)
Sucroenergético	(11,88)	(22,78)	(18,67)
Total Indústria Transformação	(11,03)	(13,34)	(10,14)
Total Indústria Transformação (sem setor sucroenergético)	(9,83)	4,04	4,90

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL

Remunerações Brutas

O indicador de remunerações brutas registrou uma expansão na margem de 3,79% em relação ao mês anterior, consolidando a trajetória de recuperação iniciada no último bimestre. Com esse desempenho, o setor industrial alagoano encerra ano com uma perda real acumulada de 7,54% ao longo do ano, evidenciando que os reajustes salariais permaneceram aquém da dinâmica inflacionária do período.

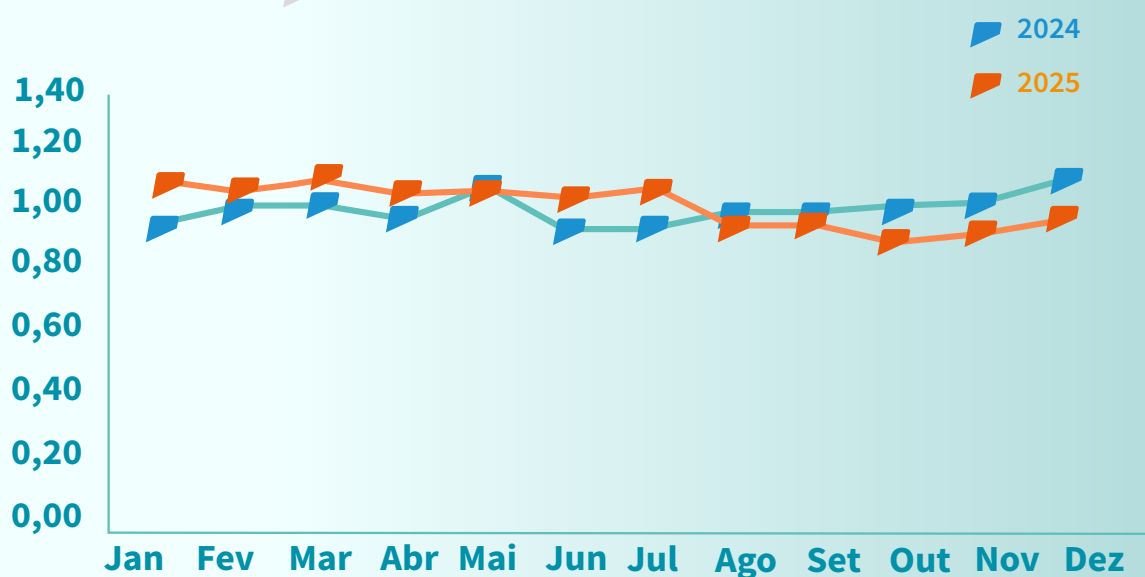
O encerramento do ano de 2025 para a indústria alagoana revela uma trajetória de recuperação marginal aparente, com o indicador de massa salarial registrando uma expansão de 3,79% em relação ao mês imediatamente anterior. Todavia, este desempenho positivo no curto prazo não foi suficiente para neutralizar o efeito residual de perdas acumuladas ao longo do ano. Todavia, esse fôlego conjuntural não foi suficiente para reverter o quadro de deterioração do poder de compra no médio prazo, visto que a massa salarial ainda amarga um recuo expressivo de 14,64% na comparação interanual, culminando em uma perda real acumulada de 7,54% no fechamento do ano. Este cenário evidencia que, apesar dos ajustes nominais, a recomposição dos rendimentos brutos não logrou superar o teto inflacionário do período, resultando em uma compressão do poder de compra agregado da classe trabalhadora industrial.

A decomposição dos dados explicita uma acentuada heterogeneidade setorial, onde o resultado global é fortemente tracionado pelo Setor Sucreenergético (+31,36%). Este salto na margem é um movimento conjuntural típico do auge da safra regional, caracterizado pelo incremento de horas extras e bonificações de produtividade. A relevância desse segmento é tamanha que, ao isolarmos sua contribuição, a Indústria revela uma retração mensal de 10,88% e uma queda acumulada de 19,35%, sinalizando que enfrenta um ciclo de desaquecimento e ajuste de custos ocupacionais.

No âmbito dos segmentos específicos, observam-se trajetórias distintas ditadas por fatores sazonais e estruturais. O setor de Vestuário e Calçados manteve o fôlego das contratações temporárias, registrando alta de 6,08% no mês e consolidando uma valorização acumulada de 49,17%, refletindo a competitividade por mão de obra para atender ao pico de demanda do varejo. Em contrapartida, o segmento de Produtos Alimentares e Bebidas apresentou um recuo agudo de 28,10%, indicando um ajuste de pessoal e produção após o suprimento das cadeias de distribuição para as festividades de fim de ano, fechando o período com saldo negativo acumulado de 18,25%.

A Indústria Mecânica, apesar de uma leve acomodação técnica na margem de -1,54%, encerra o ano com a maior valorização real do segmento (+53,82%), o que sugere uma política de retenção de quadros técnicos qualificados para sustentar planos de expansão de longo prazo. O setor Químico, embora tenha operado um repique conjuntural de +23,95% em dezembro, permanece em situação crítica no acumulado anual (-81,70%), fruto de paradas operacionais e fechamento de unidade industrial ocorridas nos trimestres anteriores.

O setor de Material de Transporte registrou a queda mais acentuada do mês (-52,08%), impactado diretamente pela desmobilização de contratos de manutenção e logística ao final do ano, resultando em uma perda anual de 47,74%. Por outro lado, segmentos como Têxtil, Papel e Celulose e Produtos de Borracha convergiram para uma estabilidade técnica com variações marginais de (-0,18%), sinalizando um regime de manutenção cautelosa das folhas de pagamento diante das incertezas para o primeiro trimestre de 2026. O setor de Minerais Não-Metálicos, vinculado à construção civil, apresentou variação nula na margem (-0,12%), mas preserva um saldo anual positivo de 18,03%, impulsionado pela resiliência do mercado imobiliário local. De forma geral, enquanto o setor sucroenergético e a indústria mecânica sustentam os níveis de rendimento, o restante do parque fabril opera sob forte pressão recessiva, incapaz de recompor as perdas inflacionárias acumuladas no exercício.

Gráfico nº 4 - Evolução dos Salários


Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL

Tabela nº 4 - Variações (%) dos salários no mês de Dezembro de 2025. Base Fixa (IBF: Out/2013); Deflator:IPA/OG - FGV.

Gêneros	Dez/25 - Nov/25	Dez/25 - Dez/24	Acumulado ano
Produtos Alimentares e Bebidas	(28,10)	(2,59)	(18,25)
Construção Civil	-	-	-
Têxtil	(0,18)	0,27	0,40
Minerais Não-Metálicos	(0,12)	11,01	18,03
Vestuário e Calçados	6,08	20,34	49,17
Material de Transporte	(52,08)	(48,60)	(47,74)
Editorial e gráfica	3,19	12,65	18,84
Madeira	(5,35)	(3,27)	(3,15)
Papel, Papelão e Celulose	(0,18)	0,27	0,40
Produtos de Matérias Plásticas e Borracha	(0,18)	5,08	5,21
Metalúrgicas e Siderúrgicas	-	-	-
Indústrias Diversas e Mobiliário	(0,18)	(2,80)	(2,13)
Química	23,95	(84,09)	(81,70)
Indústria Mecânica	(1,54)	53,62	53,82
Sucroenergético	31,36	(8,97)	13,70
Total Indústria Transformação	(3,79)	(14,64)	(7,54)
Total Indústria Transformação (sem setor sucroenergético)	(10,88)	(18,62)	(19,35)

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL

Horas Trabalhadas

O volume de horas dedicadas à produção registrou uma alta marginal de 13,57%, refletindo uma recuperação após quedas anteriores. Assim, o fôlego estrutural permanece positivo, com um crescimento interanual de 9,93% e um incremento acumulado no ano de 15,52%. Ao se excluir o setor sucroenergético, a intensidade da variável nos demais segmentos mostra-se ainda mais resiliente, com um salto no mês de 17,52%.

O indicador de horas trabalhadas na produção no encerramento de 2025 revela um cenário de expansão expressiva na intensidade operacional da indústria alagoana. A variável apresentou uma alta mensal de 13,57%, impulsionada pelo dinamismo sazonal e pelo desempenho de segmentos específicos. No confronto interanual, o crescimento foi de 9,93%, consolidando um saldo positivo no acumulado do ano de 15,52%. Ao isolar o setor Sucroenergético, a variável mantém um ritmo robusto de 17,52% na margem, sugerindo que a diversificação da pauta fabril do estado tem sustentado a utilização da capacidade instalada.

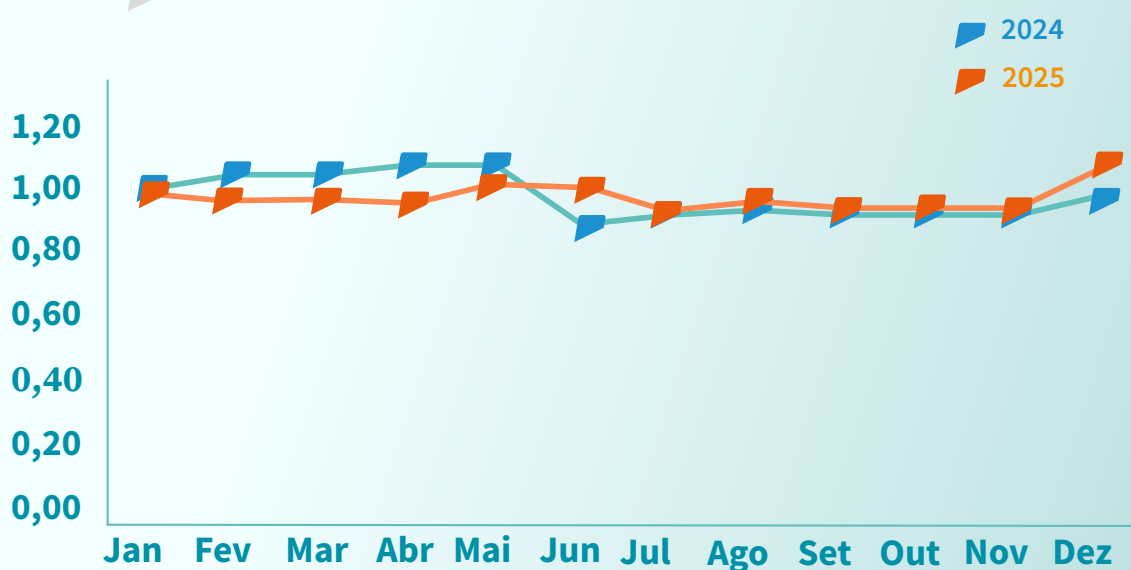
No mês, o destaque recai sobre a Indústria Mecânica, que apresentou um salto de 63,79% em relação a dezembro de 2024 e fechou o ano com um acumulado de 65,30%. Esse movimento reflete a possibilidade de manutenção de turnos extras para suprir a demanda de bens de capital e manutenção industrial. Paralelamente, o setor de Minerais Não-Metálicos avançou 21,80% na comparação anual e 21,49% no acumulado, impulsionado pela continuidade de obras de infraestrutura e pelo mercado imobiliário regional, que manteve o aquecimento da cadeia de cimento e cerâmica.

O setor Editorial e Gráfica, com alta mensal de 39,12%, e o Sucroenergético de 29,72%, também contribuíram para o resultado positivo de dezembro. No caso da indústria de açúcar e do álcool, o desempenho reflete o pico da moagem da safra 2025/2026, com unidades operando em regime de alta saturação para aproveitar o ciclo de preços favorável.

Em sentido oposto, a Indústria Química, pilar histórico da economia alagoana, enfrenta um período de retração severa. O setor registrou queda no acumulado anual de 34,69%, com uma retração interanual em dezembro de 31,73%. Este declínio está associado a paradas programadas para manutenção, ao fechamento de uma unidade de cloro-soda e aos desafios logísticos e de custos de insumos que impactaram o Polo Cloroquímico ao longo do semestre. Semelhante, o setor de Produtos Alimentares e Bebidas apresentou recuo de 5,35% na margem e 2,43% no acumulado, indicando uma normalização dos estoques após o período de alta demanda do final de ano. Material de Transporte com queda de 9,87% na comparação anual e queda de 9,04% no acumulado, refletindo a ociosidade em linhas de montagem de componentes. Vestuário e Calçados, embora tenha apresentado alta de 1,75% no mês, encerra o ano com perda acumulada de 8,00%, evidenciando a pressão da concorrência externa e a substituição de produção local por importados.

De forma geral, enquanto os setores de base (mecânica e minerais) e o complexo sucroenergético impulsionaram o patamar da variável, a fragilidade dos setores químico e têxtil (+1,99% no ano) acende um alerta sobre o comportamento da variável em 2026. A estabilidade técnica observada em Papel e Celulose (+1,05% anual) e Madeira (+2,35% anual) sugere um patamar de equilíbrio que deve ser mantido no primeiro trimestre de 2026.

Gráfico nº 5 - Evolução da Quantidade de Horas Trabalhadas



Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL

Tabela nº 5 - Variações (%) das horas trabalhadas no mês de Dezembro de 2025. Base Fixa (IBF: Out/2013); Deflator:IPA/OG - FGV.

Gêneros	Dez/25 -Nov/24	Dez/25 - Dez/24	Acumulado ano
Produtos Alimentares e Bebidas	(5,35)	(4,82)	(2,43)
Construção Civil	-	-	-
Têxtil	(0,13)	1,05	1,99
Minerais Não-Metálicos	2,21	21,80	21,49
Vestuário e Calçados	1,75	(0,12)	(8,00)
Material de Transporte	(0,13)	(9,87)	(9,04)
Editorial e gráfica	39,12	16,68	13,77
Madeira	(0,13)	2,35	3,30
Papel, Papelão e Celulose	(0,13)	1,05	1,99
Produtos de Matérias Plásticas e Borracha	(0,13)	(0,67)	0,25
Metalúrgicas e Siderúrgicas	-	-	-
Indústrias Diversas e Mobiliário	(0,13)	(5,40)	(4,52)
Química	10,68	(37,73)	(34,69)
Indústria Mecânica	(0,70)	63,79	65,30
Sucroenergético	29,72	18,32	30,68
Total Indústria Transformação	13,57	9,93	15,52
Total Indústria Transformação (sem setor sucroenergético)	17,52	1,61	1,87

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL



Capacidade Instalada

A atividade industrial em Alagoas encerrou o último mês de 2025 consolidando uma trajetória de recomposição em sua ocupação fabril, com o índice global atingindo 63% em dezembro.

A Utilização da Capacidade Instalada (UCI) da indústria alagoana encerrou o ano de 2025 apresentando uma trajetória de recomposição marginal em seu nível de ocupação, com a variável atingindo 63% em dezembro. Este resultado representa um avanço de 4 pontos percentuais em relação ao mês de novembro (59%), embora o indicador ainda denote uma ociosidade estrutural superior à observada no fechamento de 2024, quando o índice se situava em 70%. Ao isolarmos o peso do setor Sucreenergético, observa-se uma dinâmica de estabilidade relativa, visto que a indústria operou com 62% de ocupação, refletindo um ajuste de apenas 1 ponto percentual frente ao mês anterior (63%). Tal descompasso entre o índice geral e o índice sem o setor Sucreenergético evidencia que o crescimento de dezembro foi fortemente tracionado pela sazonalidade da safra regional, com o setor Sucreenergético saltando de 64% para 72% de utilização, impulsionado pelo pico do processamento de cana-de-açúcar.

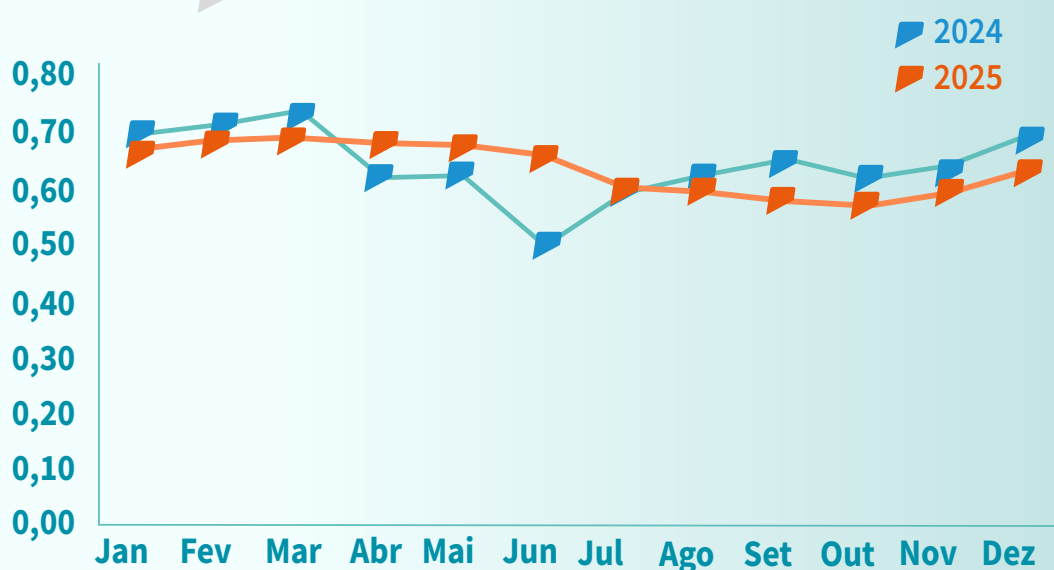
No âmbito setorial, a Construção Civil permaneceu como o principal pilar de sustentação da demanda agregada, operando no limite de sua capacidade técnica com 89% de ocupação, o que continua a exercer um efeito de encadeamento positivo sobre a cadeia de insumos básicos. Esse transbordamento é visível no segmento de Minerais Não-Metálicos, que elevou sua utilização de 68% para 72% em dezembro. Em contrapartida, o setor de Produtos Alimentares e Bebidas registrou uma retração, passando de 71% para 68%, movimento que sugere um ajuste de estoques pós-abastecimento do varejo para as festas de fim de ano e uma sensibilidade maior ao custo do crédito para o consumo. No campo dos bens duráveis e de capital, a Indústria Mecânica apresentou estabilidade em 54%, enquanto o segmento de Material de Transporte manteve sua trajetória de queda, recuando para 37%, frente a alta base de comparação do mês anterior que refletiu a demanda de produtos para a safra sucreenergética, além desse desempenho desfavorável refletir o impacto da

política monetária restritiva e do elevado custo de capital, que postergam investimentos em renovação de frotas e bens de capital de maior valor agregado.

Por outro lado, setores seguem enfrentando desafios de competitividade e custos de produção. A Indústria Química encerrou o mês com apenas 34% de sua capacidade ocupada, mantendo-se em um patamar crítico de ociosidade decorrente do fechamento de unidade. Setores como Metalurgia (75%), Papel e Celulose (59%) e Têxtil (62%) demonstraram um comportamento inercial, mantendo os mesmos níveis de ocupação de novembro, o que sinaliza uma postura cautelosa do empresariado diante das incertezas macroeconômicas. A variável ao fim de 2025 revela uma dualidade, enquanto a safra agrícola e a construção civil garantem um piso de atividade, a persistência do "Custo Brasil" e as condições financeiras apertadas continuam a limitar uma recuperação mais robusta e homogênea entre os demais gêneros industriais.

Em síntese, esse desempenho da variável representa uma expansão de 4 pontos percentuais frente ao patamar de novembro (59%), embora a conjuntura ainda denote uma ociosidade superior à registrada no mesmo período de 2024 (70%). Ao isolarmos o peso do setor sucroenergético, a indústria apresenta uma utilização de 62%, o que indica uma leve acomodação em relação ao mês anterior (63%), evidenciando que o impulso no indicador agregado de dezembro foi majoritariamente tracionado pelo pico sazonal da safra de cana-de-açúcar.

Gráfico nº 6 - Evolução da Capacidade Instalada



Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL

Tabela nº 6 - Utilização da Capacidade Instalada em Dezembro entre os anos.

	Dez/22	Dez/23	Dez/24	Dez/25	Dez/25
Gênero Industrial	(%)	(%)	(%)	(%)	(%)
Produtos Alimentares e Bebidas	67%	67%	72%	71%	68%
Construção Civil	86%	89%	87%	89%	89%
Têxtil	62%	62%	62%	62%	62%
Minerais Não-Metálicos	62%	61%	62%	68%	72%
Vestuário e Calçados	67%	74%	77%	83%	83%
Material de Transporte	20%	35%	51%	43%	37%
Editorial e gráfica	68%	56%	65%	65%	65%
Madeira	59%	61%	61%	53%	53%
Papel, Papelão e Celulose	48%	59%	59%	59%	59%
Produtos de Matérias Plásticas e Borracha	74%	75%	87%	87%	87%
Metalúrgicas e Siderúrgicas	63%	76%	75%	75%	75%
Indústrias Diversas e Mobiliário	52%	52%	62%	60%	60%
Química	74%	69%	71%	37%	34%
Indústria Mecânica	68%	47%	27%	55%	54%
Sucroenergético	82%	74%	72%	64%	72%
Total Indústria Transformação	76%	70%	70%	59%	63%
Total Indústria Transformação (sem setor sucroenergético)	62%	63%	67%	63%	62%

Elaboração: Gerência de Desenvolvimento Empresarial, Inovação e Pesquisa IEL/AL

24
**ELABORAÇÃO
DESENVOLVIMENTO EMPRESARIAL, INOVAÇÃO E
PESQUISA - FIEA/IEL**
GERENTE

ELIANA MARIA DE OLIVEIRA SÁ

ESTAGIÁRIOS

 JULIAN PEDRO MOISÉS DA SILVA
 KARINE FERREIRA DOS SANTOS
 MARIA LUIZA LEAL DA SILVA
 PABLO HENRIQUE COSTA FRANCIOLLY FONSECA
 RUAN WESLEY DE BARROS SILVA

ANALISTA

MORGANA MARIA MACHADO MOURA

CONSULTORA

DÉBORA JUSTINO DOS SANTOS

AUTORA

LUCIANA PEIXOTO SANTA RITA

DIAGRAMAÇÃO

EMILLY KAROLLINY CARDOZO DA FONSECA

**INSTITUTO EUVALDO LODI -
IEL**
DIRETOR REGIONAL

JOSÉ CARLOS LYRA DE ANDRADE

SUPERINTENDENTE

HELVIO BRAGA VILAS BOAS

**GERENTE DE DESENV. EMPRESARIAL,
INOVAÇÃO E PESQUISA**

ELIANA MARIA DE OLIVEIRA SÁ

**FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE
ALAGOAS - FIEA**
PRESIDENTE

JOSÉ CARLOS LYRA DE ANDRADE

1º VICE PRESIDENTE

JOSÉ DA SILVA NOGUEIRA FILHO

DIRETOR EXECUTIVO

WALTER LUIZ JUCA SÁ

GERENTE UNITEC

HELVIO BRAGA VILAS BOAS